

EDITORIAL

Olá caro(a) leitor(a)! Apresentamos mais um número da Revista Redescrições. As contribuições desta edição (Ano 4, Número 2) se pautam principalmente nas relações entre modernidade e contemporaneidade; em aspectos como arte, filosofia, ciência e cultura.

Abrindo a revista, debatendo sobre arte e filosofia, Paulo Ghiraldelli estuda a crítica do conservador Roger Scruton à arte contemporânea de massa – o “kitsch”. Segundo a análise de Scruton, essa arte *fake* seria resultado de uma cultura que abandonou a contemplação ociosa para o estritamente “verdadeiro”, e cita alguns filósofos que teriam contribuído com isso: como Marx, Foucault e Rorty. É nesse ponto que Ghiraldelli desenvolve sua explanação, caracterizando a filosofia de Rorty no intuito de mostrar que Scruton se engana ao relacionar a crítica de Rorty sobre a filosofia moderna com o surgimento da arte *fake*. Pois nesse argumento o trabalho de Rorty não deveria ser pensado a partir de seus resultados práticos, mas sim a partir de suas reais motivações estritamente filosóficas ao tratar um problema do século XX. Além disso, Ghiraldelli não vê o trabalho de Rorty endossando obras de arte com “sentimentos rasos e falsos”.

Também pensando a modernidade e a contemporaneidade, o artigo de Ronie Alexandro (“A Industrialização da Verdade”), traz o foco da discussão para os efeitos da industrialização agora sobre o próprio conhecimento e seu “processo de produção”. O autor questiona a autocompreensão do cientista enquanto desenvolvendo uma atividade de grande heroísmo espiritual. Ao longo de sua narrativa, Ronie torna ainda mais claras as distinções entre uma perspectiva iluminista e uma pragmatista.

Por outro lado, Edna do Nascimento em seu artigo “O caráter não deweyano do ‘Dewey hipotético’ de Rorty”, trata a questão (que também vem na esteira da crítica contemporânea à modernidade) da distinção entre a perspectiva científica e uma perspectiva historicista. Talvez de modo não antagônico ao pensamento de Ronie, Edna defende em Dewey um conceito de ciência coerente com seu historicismo. Para a autora, Rorty exagera numa falsa dicotomia entre um Dewey “bom” historicista, e um Dewey “mal” cientista.

No artigo de Cerasel Cuteanu encontramos uma análise do “disque denúncia” na Romênia pós-comunista. O jornalista identifica uma dificuldade cultural no país em

adotar essa tecnologia, muito por conta do caráter excessivamente político das instituições – como por exemplo as universidades.

Finalizando a seção de artigos, Fabio Mourilhe aborda as artes cômicas na modernidade, era “clássica” deste gênero. Procurando por relações e rupturas entre a linguagem estabelecida nos séculos XVII e XVIII e a prática apresentada nas artes cômicas. Fabio conclui apontando para um pioneirismo das artes cômicas, por não buscarem encerrar o dito (no quadro) em palavras completamente representativas.

Contamos ainda, na seção de traduções, com o artigo de Noël Carroll sobre “A Ontologia da Arte de Massa”, que dialoga com o texto de Ghiraldelli que abre a revista. Noël Carroll, buscando a “ontologia da arte de massa”, faz minuciosa distinção entre a “arte de massa”, a “arte popular” e a “arte de vanguarda”; referindo-as a contextos históricos específicos e a condições e objetivos culturais distintos para cada uma.

E finalizando este número temos a resenha do livro “A Teoria dos incorporais no estoicismo antigo” de Émile Bréhier. Segundo Fernanda Siqueira é um clássico recentemente traduzido para o português, que trata da abordagem do estoicismo antigo sobre os conceitos, criticando a abordagem deixada por Aristóteles. No estoicismo o conceito deixa de ser algo já sempre prévio, e passa a ser visto como uma construção... Deixa de ser ‘uno’ para se tornar ‘múltiplo’, como conclui Fernanda.

Frederico Graniço, editor adjunto.